

Apresentação

Os filósofos gregos confirmaram o que muitos povos vinham constatando: para todas as suspeitas, dúvidas, curiosidades e perguntas das mulheres e dos homens, existem respostas. Todos os mistérios da natureza, dos homens, dos deuses, têm explicações. Não existe pergunta sem resposta. Todos os problemas são formulados quando estão dadas as condições para elaborar respostas sobre as indagações por eles geradas.

No campo da razão mítica tudo é possível. Todos os mistérios têm explicação no mundo do mito. É assim que os mistérios sobre a origem do mundo, dos homens, todas as indagações sobre o amor, a fecundidade, a feminidade, a fertilidade, as luzes, as sombras, o bem, o mal, as virtudes, os vícios, as dores e a felicidade têm um deus responsável e uma lenda que os explica.

Assim o mundo do mito tem deuses para os mistérios do amor e a sexualidade (Vênus, Eros, Cupido), da fertilidade (Afrodite). Para os mistérios da união dos opostos (Andrógino, Hermafrodite), dos conflitos do amor (Édipo), dos desejos sublimes (Hera, Apolo e Eurídice), dos desejos desenfreados e terrestres (Centauro e Dionísio), das harmonias e da música (Atena, Hermes, e Orfeu), da alma (Psiquê), do bem (o Deus judaico, o Zeus grego, O Júpiter romano), do mal e o castigo (Hades, Prometeu)....

Se a versão mítica não responde satisfatoriamente, surge a dúvida sobre as lendas, ou se estabelece a descrença sobre os deuses e o agnosticismo toma conta da razão; temos, então, uma alternativa num outro campo do conhecimento, nas respostas do mundo prático da experiência, do cotidiano e dos saberes do homem comum. Todos os homens têm um palpite ou uma opinião (“doxa”) sobre as crises e conflitos do amor e da sexualidade. Opiniões mais ou menos acertadas, mas passíveis sempre de obter adeptos.

10 • Silvio Sánchez Gamboa

Entretanto, a partir de Tales de Mileto (o primeiro grande filósofo), pensou-se numa forma diferente de obter as respostas para tantas perguntas. No povo helênico, o problema não era a falta de respostas, uma vez que o mito e o senso comum tinham soluções para todas as indagações. A questão era obter soluções mais plausíveis, respostas mais disciplinadas. Essa busca denominou-se *episteme*.

A *episteme* considera todo conhecimento como o resultado da relação entre um objeto e um sujeito. O conhecimento estará composto desses três elementos básicos (sujeito, objeto e a própria relação). Como disciplinar esses elementos? Em relação ao objeto, a *episteme* parte do seguinte princípio: “O objeto se explica por si mesmo; no próprio fenômeno estão contidas as respostas às indagações que formulamos sobre ele” De acordo com esse princípio, à pergunta do filósofo sobre a maior das sabedorias, o oráculo responde: “conhecer-se a si mesmo é a maior das sabedorias”. A resposta para os mistérios do homem está no próprio homem. Assim foi proclamada pela Esfinge de Delfos perante a pergunta do filósofo e confirmada por Santo Agostinho, oito séculos depois, ensinando a procurar a verdade dentro do homem.

Em relação ao sujeito, a *episteme* disciplina a fantasia e a imaginação. Elas perdem seu lugar para a sensibilidade. O sujeito deve confiar nos seus sentidos, ver com cuidado de forma sistemática, escutar com atenção. Sentir, olhar, escutar, palpar, experimentar, registrar em forma sistemática. Assim, Tales de Mileto preanuncia os eclipses, a olho nu. Desde então, a *episteme* avança a par com a tecnologia. Ela consiste em ampliar, alargar e facilitar a sensibilidade do sujeito. Com a tecnologia que evolui permanentemente o homem pode ver mais longe, ver coisas menores (lentes, lunetas, telescópios, microscópios) sentir melhor, alargar sua sensibilidade (termômetros, sensores de luz, de velocidade, de energia) organizar e memorizar melhor os registros (máquinas de contar, de calcular, computadores etc). A tecnologia junto com a ciência permitiu desenvolver o princípio da sensibilidade do sujeito ao longo dos séculos.

O terceiro elemento do conhecimento é a relação entre o sujeito e o objeto. Com a *episteme*, essa relação ganha uma especificidade denominada “o método”. A razão mítica e o senso comum não têm preocupação com o método. Um dos primeiros métodos conhecidos foi o geométrico. O sucesso do método geométrico consiste na sua capacidade

heurística. Todo caminho (método) exige um ponto de partida, um ponto de chegada e, necessariamente, o retorno ao ponto de partida. Uma vez definida essa equação, não importa se o percurso é retilíneo, circular, ou esdrúxulo, o importante é voltar sobre o ponto de partida. É um processo dialético de ascenso e descenso, de compreensão **dos** fenômenos **para** os fenômenos, de ir e voltar sobre os mesmos, indicando estratégias de transformação. Isto é, “conhecer para transformar” (diria Marx, na sua filosofia da práxis).

Esses três princípios sobre o objeto, o sujeito e o método são complementados com a crítica permanente sobre os resultados obtidos, seja através da verificação, da “falsificação” dos resultados, da acumulação de desacertos e conflitos práticos ou das quebras de paradigmas etc. A *episteme* levanta dúvidas e questões para suas próprias respostas. O mesmo não acontece com o mito e o senso comum. Estes não pretendem falsear suas respostas, pelo contrário, progridem à medida que ganham adeptos e se transformam em dogmas. O acúmulo de seguidores que confessam suas verdades, sejam elas crença, religião, doutrinação, aculturação ou civilização, tornam as respostas “miticamente” verdadeiras.

A sexualidade humana tem sido, igualmente, um dos grandes mistérios humanos. Muitas questões formularam-se a seu respeito. Todos nós temos dúvidas, suspeitas, interrogações mais ou menos profundas sobre tais mistérios. Já apareceram e continuarão aparecendo, tanto explicações mitológicas de todo gênero, quanto palpites e opiniões provindos do senso comum. Dessa forma, existem respostas para todas as interrogações. Por outro lado, existe uma busca constante de respostas “disciplinadas” a partir dos princípios da *episteme*.

Entretanto, parece que os três tipos de respostas convivem e, dependendo das dinâmicas sociais e culturais, formam um tecido de saberes, difícil de desmanchar. A mitologia, segundo Platão, é uma atividade do âmbito da “poíesis” e um gênero que tem como objeto as lendas acerca dos deuses, seres divinos, heróis e vindos do além. A *doxa* e a *episteme* estão no âmbito do cotidiano e do “lógos”, dimensões do aquém que se referem à prática, à teoria; à reflexão e às ações humanas.

Entre lendas e opiniões do mito e do senso comum surgem também respostas disciplinadas oriundas da *episteme*. Um exemplo está na obra que apresentamos, caracterizada por uma coletânea de autores, filóso-

fos, cientistas e educadores que, insatisfeitos com tão variadas versões e, suspeitando das tradições oriundas das lendas e palpites, debruçam-se sobre problemáticas essenciais e existenciais da nossa época, e procuram resposta no âmbito da ciência e da filosofia.

NUNES investiga os fundamentos filosóficos e o contexto histórico do discurso moderno sobre Sexualidade. Toma como referência importantes pensadores, como Freud, Reich, Marcuse e Foucault para denunciar algumas práticas de educação sexual carentes de perspectivas científicas e filosóficas e apresenta, em contrapartida, uma síntese das tendências institucionais que comandam o campo da Educação sexual encontradas nas perspectivas filosóficas destes autores, comparando seu alcance existencial e diretrizes ético-políticas.

ANDALÓ, FERNANDES e GONÇALVES relatam um trabalho que desde 1992 vem oferecendo educação sexual continuada para adolescentes de escolas públicas de Florianópolis (SC). O objetivo do trabalho é a prevenção da AIDS e da gravidez precoce. Além de descreverem os referenciais teórico e metodológicos de acordo com os princípios da *episteme*, exprimem cuidadosamente a concepção de sexualidade como um aspecto essencial da humanização do homem.

MOTT trata do direito fundamental dos jovens com tendência homossexual, de terem sua orientação sexual respeitada. Apresenta algumas reflexões sobre a sexualidade humana e os diversos significados do termo “sexo”. Discute os princípios básicos da Antropologia da Sexualidade. Coloca algumas orientações sobre como o jovem pode assumir sua homossexualidade com menos conflito pessoal e familiar.

FIGUEIRÓ aborda os pressupostos básicos do preparo do educador sexual, na cidade de Londrina. Apresenta reflexões e analisa os fatores pessoais e/ou de outra ordem, que têm dificultado o engajamento de alguns educadores formados para atuarem no campo da educação sexual, procurando saídas que possam assegurar esse engajamento. Aponta lacunas e justifica a necessidade do aprofundamento, nessa problemática, da elaboração do conhecimento científico e sua tradução prática na educação sexual.

SILVA discute os fundamentos e os conceitos filosóficos contidos no discurso médico sobre Sexualidade Humana. Com base em Foucault analisa a difusão do tema Sexualidade nas ciências modernas e as matrizes do “saber médico” sobre o assunto. Apresenta resultados da pesqui-

sa empírica sobre a formação médica atual, apontando carências teóricas e inadequações metodológicas do trabalho institucional do Médico em Sexualidade Humana e propõe uma visão multiprofissional e interdisciplinar neste campo.

POCOVI apresenta as contribuições de Rousseau no campo da Educação Sexual. Convida-nos a refletir sobre a maneira como exercemos a função educadora, partindo da premissa de que, se desejarmos uma educação sexual emancipatória, devemos rever nossos próprios valores, pois educar para a vida implica rever o sentido e a importância que damos às práticas educativas.

Os trabalhos, ora enunciados, pretendem desmistificar a problemática da sexualidade humana. Embora partindo das versões do cotidiano e das experiências práticas dos educadores, convidam o leitor a procurar respostas alternativas nas fundamentações filosóficas e científicas. A falta dessas fundamentações tem gerado penosas dificuldades na socialização dos resultados dos conhecimentos elaborados sobre a sexualidade humana e frustrado os propósitos de procurar na ciência a ajuda para diminuir a miséria humana (B. Brecht). Perante esse diagnóstico, os textos aqui apresentados exercem uma tensão crítica sobre as experiências de Educação Sexual, facilitando a compreensão da prática, à medida que indicam estratégias de ação para transformar a própria prática.

Este esforço editorial do CED-UFSC brinda subsídios para desmistificar a problemática da sexualidade humana e aprimorar a relação teoria e prática nos processos educativos onde os seres humanos devem ser compreendidos em todas as suas dimensões. Nesse sentido, esta publicação é recomendada para especialistas em sexualidade humana, educadores, pais ou mestres. Todos nós, portadores da sexualidade (com seus mistérios, dúvidas, e desafios), que procuramos respostas pertinentes e “disciplinadas” pela pesquisa científica e a reflexão filosófica, encontraremos nesta publicação subsídios para elaborar a maior das sabedorias: “O conhecimento de nós mesmos”.

Florianópolis, agosto de 1998.

Silvio Sánchez Gamboa

Doutor em Filosofia – UNICAMP